



ENSINO E APRENDIZAGEM DAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS: EPISTEMOLOGIAS E DOCUMENTAÇÃO CULTURAL

*Camila Sousa Trindade¹
Luna Borges Berruezo
Otávio Bontempo Nunes Silva*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências do projeto “Tradições afro-brasileiras: Oralidade e o Maracatu de Baque Virado”, desenvolvido como atividade de extensão da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (Câmpus Guarulhos) e integrado ao programa de pesquisa “Saberes, Práticas, Ensino e Histórias da África e do Brasil em Perspectiva Sul”. O projeto orientou-se sob a premissa de levar ao universo escolar uma prática pedagógica referenciada em aspectos da cultura afro-brasileira, possibilitando criar um diálogo entre a educação não-formal e a educação formal, bem como, valorizar e reconhecer práticas vivenciais junto aos professores(as) da rede pública de ensino e da comunidade da cidade de Guarulhos-SP. Nesse sentido, houve a intenção de abordar por meio de oficinas práticas aspectos teóricos, socioculturais e históricos da relação África – Brasil, das quais a cultura afro-brasileira e suas memórias corporais e musicais são entendidas como fontes legítimas de produção de conhecimento e documentação cultural.

Palavras-chave: Educação não formal. Cultura afro-brasileira. Saberes vivenciais. Maracatu de baque virado. Documentação cultural.

TEACHING AND LEARNING OF AFRO-BRAZILIAN CULTURES: EPISTEMOLOGIES AND CULTURAL DOCUMENTATION

ABSTRACT

The aim of this article is to report the experiences of the project “Afro-Brazilian Traditions: Orality and the Maracatu de Baque Virado”, developed as an academic extension activity at São Paulo Federal University – UNIFESP (Guarulhos Campus) and integrated into the research program “Knowledge, Practices, Teaching, and Stories of Africa and Brazil from a Southern Perspective”. The project sought to bring to the school environment a referenced pedagogical practice concerning aspects of African-Brazilian culture, making it possible to create a link between formal and informal education, as well as the appreciation and recognition of practices involving schoolteachers and the community in the city of Guarulhos (SP). Practical workshops were used to address issues including theoretical, sociocultural, and historical aspects of the Africa-Brazil relationship. Afro-

¹ Graduação em História (UNIFESP). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP. Contato: camilamilatrindade@gmail.com.

Brazilian culture and its physical and musical legacies are understood as legitimate sources for the generation of knowledge and cultural documentation.

Keywords: Informal education. Afro-Brazilian culture. Experiential knowledge. Maracatu de baque virado. Cultural documentation.

ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE LAS CULTURAS AFROBRASILEÑAS: EPISTEMOLOGÍAS Y DOCUMENTACIÓN CULTURAL

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo hablar de las experiencias del proyecto "Tradiciones Afro-brasileñas: Oralidad y Maracatu de Baque Virado", desarrollado como una actividad de extensión de la Universidade Federal de São Paulo - Unifesp (Campus Guarulhos) y se integra en el programa de investigación "Prácticas e Historias de Enseñanza de África y Brasil en Perspectiva Sur" bajo la coordinación de la profesora Patricia Teixeira Santos. El proyecto se basó en la premisa de acercar al ámbito escolar una práctica pedagógica que haga referencia en aspectos de la cultura afro-brasileña, lo que hace posible la creación de un diálogo entre la educación formal y no formal, así como las prácticas de valoración y reconocimiento experiencial con los profesores de las escuelas públicas en la ciudad de Guarulhos-SP y la comunidad. En consecuencia, hubo la intención de abordar los aspectos teóricos, socio-culturales e históricos de la relación África-Brasil, así como referencias que contribuyeron a la formación de una cultura afro-brasileña y su memoria, sean ellas sonoras, prácticas, gestuales y rítmicas; cultura y memoria como fuentes legítimas de producción de conocimiento y documentación cultural.

Palabras clave: Educación no formal. Culturas afrobrasileñas. Conocimientos vivenciales. Maracatu de baque virado. Documentación cultural.

APRESENTAÇÃO

A *experiência* canaliza dois aspectos fundamentais para a compreensão das culturas não letradas: a oralidade e a transmissão de conhecimento. Muitas sociedades do continente africano tornaram-se grandes referências no uso e valorização da *experiência* e na legitimação da tradição oral, da memória e das práticas cotidianas como ações eficientes na transmissão de saberes.

A partir do tráfico de mão-de-obra escrava africana para o Brasil, ocorrido na segunda metade do século XVI sob controle da colonização portuguesa, configurou-se no território brasileiro o encontro de múltiplos elementos provenientes de várias nações do continente africano. Práticas e valores da cultura oral, negra e subalternizada, foram introjetadas, transmutadas e criaram novas sociedades.

Os valores que conseguiram resistir às travessias, explorações e coisificações dessas culturas africanas se misturaram às tradições locais (indígenas) e do colonizador (europeias) e influenciaram de maneira definitiva a formação da cultura brasileira. Assim, surgiram novas crenças, diferentes concepções de tempo e natureza, novas culinárias, ampliação nas possibilidades rítmicas e musicais, novas formas de apreensão do conhecimento, vocabulários e muitos outros exemplos resultantes da relação entre África e Brasil.

Partimos dessa realidade e, apoiando-nos na formação vivencial e teórica daqueles que favoreceram a criação de espaços de pesquisa e documentação sobre a temática afro-brasileira e acreditando na inserção de novos parâmetros e referenciais educacionais possíveis — para dar voz a esses personagens subalternizados — surgiu a iniciativa de escrever este artigo, que dividimos em três tópicos principais.

O primeiro, *África e Brasil: histórias, saberes e oralidade*, discorre sobre as relações entre esses dois espaços de trânsito forçado da população negra africana e a importância de reconhecer seus frutos na cultura afro-brasileira contemporânea. O tópico *Processos de ensino e aprendizagem: diálogos com a Educação*, avalia a importância da problematização, discussão e inserção das lógicas de ensino das culturas afro-brasileiras dentro das instituições da educação formal. E, por fim, o tópico *O projeto* apresenta o relato da experiência extensionista “Tradições afro-brasileiras: Oralidade e o Maracatu de Baque Virado”, ação baseada na elaboração e execução de seis oficinas voltadas a professoras e professores da rede pública de Guarulhos-SP, que procurou gerar ideias, metodologias de ensino, indagações, reflexões e reconhecimentos históricos, sociais e culturais sobre a cultura afro-brasileira inserida em um contexto formal da educação, como fonte de saber e documentação histórica e cultural.

Suscitar o debate acadêmico junto à inclusão no universo escolar de práticas pedagógicas que englobam aspectos da cultura afro-brasileira abre espaço para um pensamento crítico, inclusivo, revisionista e que procura desmistificar estereótipos construídos por culturas hegemônicas e colonizadoras. Questionamentos sobre os modelos educacionais, históricos e culturais — no que tange à reformulação dessa relação unilateral — e a importância de se criarem novas estratégias de desenvolvimento do ensino de história afro-brasileira, formam os principais pilares da pesquisa aqui apresentada.

África e Brasil: história, saberes e oralidade

“Esteja a escuta, tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento”
Amadou Hampâté Bâ

Durante aproximadamente quatro séculos, em constante movimento diaspórico às Américas e sob controle da migração forçada no interior dos navios negreiros, vasto contingente humano foi trazido às terras brasileiras. Diversidades culturais de línguas e povos africanos navegaram pelo Atlântico nas embarcações do tráfico de escravos, tais como os Cabindas do Congo, os Benguelas de Angola, os Macuas e Angícos de Moçambique, os Minas da Costa da Guiné, os Jejes do Daomé, os Haussá do oeste da Nigéria, os Yorubás ou Nagôs de Oyó ou de Ketu ([PRANDI, 2000](#)).

Por meio da diáspora africana, a dimensão histórica das práticas culturais enraizadas no território das diferentes localidades do continente africano, suas diversidades linguísticas atribuídas às vilas e povos de uma totalidade continental, as diversas características físicas e linhagens ancestrais, os ordenamentos de parentesco e casamento; as concepções de mundo simbólico; cultos e crenças sagradas; formas de preparo e composições alimentares, noções de corpo e estética, inerência do fundamento ancestral, cantos e entonações de cultos; referências tonais e musicais; a organologia dos instrumentos e tudo aquilo que possamos compreender como âmbito cultural de identidade autóctone desses povos, foram carregados em suas memórias e bagagens corporais. Nada palpável era permitido portar.

A memória e transmissão dos antepassados enraizaram nas terras brasileiras os corpos, os gestos, as palavras, os olhares. Os paladares, aromas, cores, fazeres, saberes. Plantios, alimentos, condimentos. Ritmos, melodias, timbres. Quinas de visão e partes de perspectivas, sagrados, pulsares. Pulos, pernadas, marés, curas, naturezas. Mundos. A bagagem: seus corpos. O hoje: a memória. A sabedoria: suas (r)existências. A história: referências de nossas noções do passado. O olhar para o passado constrói a história que correu pelos caminhos das marés.

Essa diversidade de identidades coletivas estava sujeita a transformações históricas, devido a diversos fatores, tais como alianças matrimoniais, guerras, migrações, agregação de linhagens escravas, apropriação de cultos religiosos estrangeiros ou mudanças políticas. Em muitos casos, as denominações de certos grupos eram criadas por povos vizinhos ou poderes externos, sendo subsequentemente apropriadas pelos membros dos grupos assim designados. Cabe notar também que a imposição dessas denominações externas muitas vezes incluía uma pluralidade de grupos originalmente heterogêneos. ([PARES, 2007, p. 24](#)).

As memórias corporais, no seu âmbito cognitivo, físico, religioso/espiritual, linguístico, simbólico, expressivo, tiveram o papel de grandes documentações culturais desses povos, documentações estas contidas na dimensão vivida dos (as) sobreviventes do processo diaspórico e do domínio escravocrata. À medida que as lógicas de dominação, desumanização e coisificação estavam estruturadas nos territórios colonizados e na ideologia permanente desses processos como construção do papel social de uma população e da “identidade escrava”, essa atribuição identitária constituiu um lugar e um valor social à dimensão da raça negra.

Assim, considerando essa introjeção da memória corporal como referência cultural e associando à própria imagética negra e crioula como um atributo social delimitado, configura-se socialmente nos territórios coloniais e nos contextos pós-coloniais a estrutura hierárquica de caráter inferior e subalternizado dessas expressões culturais próprias, bem como a negação de seus valores.

Nesse contexto, os diversos âmbitos das expressões culturais negras sofreram processos de repressão e de controle. Todavia, a resistência cultural negra permeou as gerações descendentes desses escravizados africanos e gerou as diversas musicalidades referenciadas em suas origens em várias regiões do Brasil:

cada vez que um caboclo de lança do Maracatu de Baque Solto sacode suas pesadas vestimentas, no ritmo contagiante que vem dos rurais de Pernambuco; cada vez que o estampido agudo das matracas do Bumba-Meu-Boi, restitui o passado indígena e escravo em terras maranhenses; cada vez que os versos de inspiração medieval dos Repentistas Nordestinos revelam a poesia e a sagacidade do homem sertanejo; cada vez que os sulcos esculpido pelo tempo nos rostos das centenárias Baianas vestidas de negro na Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, trazem mistérios ancestrais do Reconcâvo Baiano; cada vez que os passos lépidos dos dançarinos do Jongo presentificam as origens africanas no samba do Rio de Janeiro; cada vez que o ponteado de uma Viola Caipira traz a dolência matreira do caboclo do interior paulista, ou cada vez que os acordes de um berimbau ecoam como navalha cortando o ar, durante o cantar da ladainha numa Roda de Capoeira. ([ABIB, 2005, p. 24](#)).

Refletir sobre a cultura popular brasileira de matriz africana e suas formas de existência e coexistência traz à tona uma série de possibilidades educacionais intrínsecas

nos entremeios dessas tradições. Ao tratar dessas manifestações culturais, usualmente preteridas, como documento que possui valor histórico e sociocultural, reconhece-se sua importância para a criação de diálogos contra-hegemônicos, nos quais negros são apresentados como não protagonistas de sua própria história, como não produtores de conhecimento.

Segundo Fanon:

A preocupação constantemente afirmada de ‘respeitar a cultura das populações autóctones’ não significa, portanto, que se considerem os valores veiculados pela cultura, encarnados pelos homens. Bem depressa se adivinha, antes, nesta tentativa, uma vontade de objetivar, de encaixar, de aprisionar, de enquistar. Frases como: ‘eu conheço-os’, ‘eles são assim’, traduzem esta objetivação levada ao máximo. Assim, conheço os gestos, os pensamentos, que definem estes homens. O exotismo é uma das formas desta simplificação. Partindo daí, nenhuma confrontação cultural pode existir. Por um lado, há uma cultura à qual se reconhecem qualidades de dinamismo, de desenvolvimento, de profundidade. Uma cultura em movimento, em perpétua renovação. Frente a esta, encontram-se características, curiosidades, coisas, nunca uma estrutura. (FANON, 1956)

Observando os traços da história negra no Brasil, em comparação a outros processos de colonização e contextos pós-coloniais ao redor do mundo, é possível perceber similaridades entre as práticas coloniais e seus desdobramentos conjunturais. Com isso, pode-se inferir que o diálogo com autores como Partha Chatterjee e Frantz Fanon sobre as culturas subalternas resultou em nossa busca pela ampliação das abordagens históricas e hegemônicas estruturantes da historiografia ocidental, que formam a base curricular do ensino superior brasileiro. Essa ampliação possibilitou uma apresentação das epistemologias afro-brasileiras fundamentadas na valoração de práticas cotidianas como passíveis de transmissão de saber, elevando-as à condição de documentação cultural.

Processos de ensino e aprendizagem: diálogos com a Educação

“Na África cada velho que morre é uma biblioteca que se queima”

Amadou Hampâté Bâ

Os modos de transmissão e apreensão de conhecimento presentes na cultura afro-brasileira e a legislação que tornou obrigatório o ensino da História afro-brasileira e da História da África, em diálogo com a prática de ensino e aprendizagem proposta pelos moldes formais da educação brasileira vigente, tornaram eminente nos últimos anos a proposição de abordagens referentes ao universo histórico cultural de matrizes africanas no ambiente escolar.

Frente a isso, é possível vislumbrar práticas educacionais que, por meio do envolvimento do corpo no aprendizado, da inserção da musicalidade na prática cotidiana escolar, das histórias orais como metodologias pedagógicas, dos aspectos de sociabilidade, fomentem um ensino pautado em amplos referenciais culturais, apontando para uma compreensão reflexiva e crítica desses aprendizados, à medida que estejam embasados socioculturalmente.

A partir dessa premissa, cria-se a oportunidade de emergirem novos e diferentes paradigmas e agentes históricos na organização dos parâmetros curriculares da

educação formal, nos quais se valorize um conhecimento integrado entre meio, corpo, mente e espiritualidade.

O universo da cultura popular sempre nos exerceu um fascínio muito grande, através dos ritos, festas, crenças, enfim, toda a simbologia que compõe a cotidianidade do povo simples do nosso país. Esse longo processo de escuta sensível e aprendizado que temos levado a cabo nos últimos anos, vem nos propiciando realizar algumas reflexões sobre esse universo, tão rico em diversidade, tão ligado à tradição e ao passado, que vem resistindo às transformações impostas pela modernidade, sem, no entanto, deixar de também se transformar. Um universo muitas vezes hermético aos não “iniciados” porque guarda mistérios e segredos [...]. Essas reflexões têm nos permitido ficar atentos e intuir a existência de uma outra lógica, diferente daquela determinada pela racionalidade moderna, mas que parece prevalecer nesse universo da cultura popular. (ABIB, 2005, p. 23).

Nossas reflexões e análises sobre as interações entre a cultura popular e o ensino formal estão pautadas no entendimento de dois conceitos, descritos de maneira singular por Almerindo Afonso: por *educação formal*, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas, enquanto a designação de *educação não-formal*, embora também obedeça a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa finalidade), diverge ainda da *educação formal* no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. De forma convergente, Maria da Glória Gohn (2014) considera a educação não-formal como processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação da sociedade e cidadania, entendendo o processo político como a formação do indivíduo para interagir com o próximo em sociedade, designando um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes.

A distinção presente na cultura popular, quando comparada ao ensino formal, reflete a particularidade de valores culturais e simbólicos não-formais, além de encontrar novos protagonistas para suas histórias. Ainda assim, porém, tal diferenciação e peculiaridade, até os dias atuais, não foram valorizadas de maneira efetiva pelas culturas hegemônicas e academicistas, refletindo com isso um jogo de poder antigo que subalternizou durante séculos essas expressões populares.

Isso acabou referenciando as práticas populares na folclorização das culturas, com estigmatizações e estereótipos abordados somente em datas comemorativas no âmbito escolar, que marcam uma barreira representativa na busca pelo diálogo entre a cultura popular (lógica não-formal) e a cultura formal.

A cultura popular, historicamente, nunca foi tida enquanto um conhecimento legítimo no âmbito dos currículos da educação formal. A forma “folclorizada” como ainda hoje são retratadas as manifestações da nossa cultura popular, nos programas educacionais da maior parte das escolas, sejam elas particulares ou públicas, é um exemplo claro sobre os preconceitos que persistem nesse âmbito, herança de uma racionalidade eurocêntrica, que influencia ainda, a maioria dos programas formais de educação. Na maioria dos casos, a cultura popular só entra nos programas educacionais por via de atividades relativas a datas especiais como o mês do folclore, o dia da consciência negra, as festas juninas, etc... se limitando a uma abordagem superficial e caricaturada de seus elementos, não se constituindo enquanto um saber legitimado e valorizado pela cultura escolar. Essa realidade tem se modificado nos últimos anos, mas os avanços ainda são restritos,

pois antes de mais nada é preciso que haja uma mudança na mentalidade de educadores e gestores educacionais, ainda pautada por uma racionalidade objetivista. (ABIB, 2005, p. 212).

Como possibilidade de desconstrução desse processo, acredita-se no debate sobre a noção de corpo cultural inserido na educação: perceber e possibilitar a fala dos corpos, trazer liberdade às expressões corporais dos indivíduos regidos por modelos de atividade racional que pressupõe a inatividade corporal. A importância de pensar um corpo que comunica conteúdos socioculturais como uma expressão de memória construída coletivamente, partindo de referências afro-brasileiras provedoras de aprendizado e bagagem socioculturais, vivência comunitária, valores sobre a Natureza e sobre a humanidade, é reconhecer esse corpo criativo no mundo.

A escola como fábrica de pessoas pro mercado porque também é uma escola que produz, com muita rapidez, numa linha de montagem, esse conhecimento que ela quer ministrar. (...) O que caracteriza a produção em massa da fábrica? A segmentação e a fragmentação. A falta de noção de todo. Então, o que temos na nossa escola? Nós temos uma escola seriada (parece produto, né? Em série) - 1ª série, 2ª série, 3ª série... Não bastando, o conteúdo (...) é chamado de disciplina. As nossas aulas têm 50 minutos. Toca um sino. (...) Sinal sonoro também é coisa de fábrica. Então, a nossa escola segmentou ao máximo o saber. Isso é característica da linha de montagem. Mas nós também temos a segunda característica que é a escola como reformatório, ou como prisão, que é o regime militar. O que é o nosso currículo? Chama-se 'grade', 'grade curricular'. E atrás da nossa 'grade curricular' nós temos 'disciplinas'. (...) a avaliação é chamada de 'prova'. (...) A necessidade de construir essa escola dessa maneira diz respeito especificamente a uma outra necessidade, ou desejo, dessa sociedade, que era produzir passividade, disciplina, ausência de questionamento e crítica, repetição e não criação de conteúdo. (Trecho transcrito de Viviane Mosé em Café Filosófico)

A atenção para a discussão sobre o corpo simbólico, além do entendimento sobre o corpo físico e biológico, faz refletir sobre a expressão de tempo, memória, religiosidades, movimentos, ritmos, identidades e saberes. Ao considerar os corpos como comunicadores de conteúdos socioculturais, em uma realidade em que o conhecimento escolar direciona valores pautados dentro da lógica de hierarquias hegemônicas, pode-se atribuir aos conteúdos de conhecimento subalterno um lugar de exclusão.

No entanto, a estrutura escolar, condicionada a uma arquitetura física e social unidirecionais que moldam os corpos em torno de conceitos de ordem e vigilância, pode aos poucos ser transformada por intermédio da conscientização e reconhecimento das relações entre corpo, cultura e memória. Esse caminho, além de contribuir para o embasamento de conteúdos identitários e socioculturais de sociedades e povos subalternizados - que resistiram historicamente por meio de seus corpos - amplia as abordagens práticas de ensino tão pouco visitadas nos meios da educação formal.

Portanto, pensar a educação a partir da lógica da cultura popular e de abordagens práticas, sejam elas orais ou corporais, é reconhecer novos parâmetros de ensino possíveis e favorecer o direito à cidadania e ao protagonismo histórico de sujeitos que não tiveram suas histórias contadas.

O PROJETO

*“A palavra dita é quem mostra o caminho
Tradição é vivência, ninguém muda o mundo sozinho.
Saramuná é semente trazida por meus ancestrais
Pra que a vida siga em frente, sem deixar o passado pra trás”*

Em meados de 2011 a convite da coordenadora do projeto, Professora Doutora Patricia Teixeira Santos, os estudantes e idealizadores do projeto passaram a integrar o programa de pesquisa “Saberes, Práticas, Ensino e Histórias da África e do Brasil em Perspectiva Sul” com o objetivo de desenvolver, no Bairro dos Pimentas, atividades práticas relacionadas à temática afro-brasileira que pudessem justapor seus repertórios culturais aos aprendizados e referenciais teóricos da formação acadêmica em suas respectivas áreas, História e Ciências Sociais.

A partir dessa prerrogativa, e acreditando numa premissa que valorizasse o reconhecimento do patrimônio cultural, religioso e percussivo afro-brasileiro, idealizou-se o projeto de extensão universitária “*Tradições Afro-Brasileiras, Oralidade e o Maracatu de Baque Virado*”, buscando-se unir a função desenvolvida pelo professor dentro das escolas e universidades aos saberes culturais transmitidos oral, corporal e musicalmente.

No início de 2012, as pesquisadoras Camila Sousa e Luna Borges viajaram com recursos próprios para Pernambuco e visitaram as Nações de Maracatu de Baque Virado das cidades de Recife, Olinda e Igarassú, onde puderam assistir a ensaios, cortejos e desfiles das nações antes e durante o carnaval, não somente fazendo registros fotográficos, como também pesquisa de campo ligada aos objetivos do projeto.

Puderam também visitar luthiers responsáveis pela construção dos instrumentos percussivos e dessa oportunidade surgiram os instrumentos do projeto, que foram orçados e confeccionados por Mestre Aureliano e Abílio Sobral e enviados para Guarulhos. Como complementação, alguns itens e instrumentos musicais foram adquiridos em lojas de instrumentos em São Paulo.

Ao longo do ano de 2012, o projeto propôs oficinas multidisciplinares norteadas pela abordagem do contexto histórico e cultural afro-brasileiro, tendo como base algumas tradições presentes nas nações de maracatu de baque virado de Pernambuco em relação aos seus mitos ancestrais, contações de histórias, representações simbólicas, vivências rítmicas e musicais. Partiu-se de fontes e referências vivenciais, orais, bibliográficas e audiovisuais sobre a temática, para proporcionar múltiplas visões sobre a cultura, o corpo e a memória.

Durante cerca de três meses, os estudantes reuniram-se diariamente para a produção, organização e planejamento dos encontros, buscando contatos, parcerias e também a aquisição de instrumentos percussivos tradicionais das nações de maracatu de baque virado. Essas pesquisas e estudos tiveram resultados diversificados como experiência das oficinas, material de apoio com referências temáticas entregue aos participantes, produção de fotografias e de um média-metragem do projeto e a criação do Coletivo Saramuná. Para apresentação como recurso didático, produziram-se edições de vídeos e entrevistas relacionadas às temáticas. E, para uso nas dinâmicas propostas, também realizaram-se pesquisas de imagens e textos digitalizados disponíveis na internet.

Posteriormente, a elaboração e preparação das aulas ocorreu de modo a articular cinco eixos temáticos transversais: contextualização histórica, vivência rítmico-musical, percepção corporal, construções e desconstruções conceituais e formação de identidade do coletivo, proporcionando que esses eixos estivessem permeados na totalidade de encontros. Durante o período de elaboração e realização das oficinas, os estudantes mantiveram reuniões regulares com a coordenadora.

A partir dessa perspectiva, estruturou-se um projeto descritivo com os seguintes conteúdos:

I) *Apresentação da proposta de trabalho*: unir o estudo teórico das tradições afro-brasileiras a oficinas práticas do Maracatu de Baque Virado;

II) *Objetivo geral*: manter como referência a lei federal nº 10.639/03 e a formação multidisciplinar aos professores da rede de ensino, jovens do bairro e comunidade acadêmica;

III) *Objetivos específicos*: montar oficinas de caráter multidisciplinar em diálogo com as diretrizes do currículo escolar; valorizar a bagagem ancestral e a transmissão dos saberes afro-brasileiros; considerar a aprendizagem por meio da música, da tradição oral e dos mitos; apropriar-se prática e teoricamente da cultura afro-descendente na rede pública de ensino e nas comunidades locais;

III) *Metodologia*: idealizou-se um projeto de educação que valorizasse a oralidade, a contação de histórias, a memória, a ancestralidade e a transmissão do saber popular e afro-brasileiro, tendo como referência textos de Amadou Hampâté Bâ;

IV) *Justificativa*: parte-se da necessidade de expansão do acesso aos conhecimentos da cultura afro-brasileira para que se insiram essas referências no âmbito multidisciplinar e para que elas possibilitem a mediação com os parâmetros da educação formal e os currículos escolares;

V) *Público-alvo*: professores da rede pública de ensino, com o objetivo de proporcionar espaço para debates e formação prática e teórica; a comunidade acadêmica, visando à eminência destas temáticas e a formação dos alunos para licenciatura; e a comunidade em geral, para que se ofereça* o acesso às atividades propostas;

VI) *Cronograma*: organizaram-se seis oficinas aos Sábados pela manhã (das 10h às 13h), com periodicidade quinzenal, iniciadas no dia 28 de abril de 2012 e com três atividades extras no período da tarde, com duração de duas horas, sendo elas: contação de histórias da mitologia dos orixás, com a Mãe Clarice Ti Oyá (Itaquaquecetuba), que utilizou bonecos feitos de material reciclado; samba de roda com o grupo de Capoeira ECE Brasil e Mestre Dinho Caruaru (Bairro dos Pimentas); cortejo pelas ruas do bairro com a Fanfarrinha da Escola Estadual Bartholomeu de Carlos e regente Maurício (Jardim Leblon), totalizando 24 horas de atividades.

VII) *Resumo*: planos de aula das oficinas, que serão relatados adiante de forma detalhada.

Houve inicialmente uma busca e levantamento em acervos pessoais e públicos de material de apoio, textos de referência, vídeos, imagens, objetos, roupas, caracterizações e tudo aquilo que pudesse servir para abordagem das temáticas durante as oficinas. Ao final do processo, esses materiais foram, em parte, disponibilizados em forma de uma

listagem de referências (Anexo I) junto ao material de apoio elaborado pelos proponentes do projeto e fornecido em um CD, cujo conteúdo é o seguinte:

- a) Alguns textos da bibliografia, separados em três sessões: *música, folclore e carnaval; textos sobre educação; tradição, palavra e identidade;*
- b) Documentação iconográfica utilizada nas oficinas. Fotografias de grupos percussivos de São Paulo, entre eles Cia. Caracaxá de Baque Virado, Grupo Umojá, Maracatu Ilê Aláfia, Maracatu Quilola; fotografias das nações de maracatu de Pernambuco, como a Nação Porto Rico; fotografias dos orixás, de Mirian Fichtner; fotografias do acervo online da Fundação Pierre Verger, feitas pelo fotógrafo em suas viagens pela África sudanesa, em especial Nigéria, Dahomey e Congo Brazzaville, e pelo nordeste brasileiro, em especial Bahia e os ritos do candomblé nagô e os maracatus de Pernambuco: Nação Elefante e Nação Leão Coroado.
- c) Videografia utilizada nas oficinas em duas sessões: sobre educação, vídeo do programa Café Filosófico, com a participação da psicanalista Viviane Mosé; e sobre os maracatus, documentários sobre Mestre Walter de França (Nação Estrela Brilhante de Recife), Dona Joventina (Calunga da Nação Estrela Brilhante de Recife), Maracatu Nação Encanto da Alegria, Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassú, Maracatu Leão Coroado. Maracatus Ritmos Sagrados, de Eugênia Maakaroun, e a vídeo montagem feita pela equipe de estudantes que organizaram o projeto.
- d) Todas as fotografias registradas durante as oficinas e as atividades extras e, por fim, a listagem do material de referência e os resumos dos planos de aula de cada uma das oficinas realizadas.

Vale lembrar a importância da valorização dos saberes locais e do diálogo com as matrizes da cultura do maracatu de baque virado, no que tange à comunidade em torno das nações, seus mestres, as bonecas calungas, damas de paço, batuqueiros(as), dançarinos(as), reis e rainhas da corte, luthiers, candomblés nagôs, entre tantos que perpetuam essa cultura.

Integrantes de grupos percussivos de maracatu, percussionistas e dançarinos de São Paulo, atuaram em parceria conosco como apoiadores durante as oficinas. Forameles Aurélio Prates, Gabriel Mendes, Pedro Rodrigues, Priscila Prazeres e Samuel Ramos.

Da mesma forma, buscamos a integração e parceria com os agentes do bairro e com a comunidade adjacente àquela em que estávamos inseridos. Além da parceria com grupos e integrantes de ações culturais afro-brasileiras do Bairro dos Pimentas, para realização das atividades extras, uma importante relação foi estabelecida com a direção pedagógica do Centro de Educação Unificado - CEU Pimentas, instituição pública do município de Guarulhos localizada ao lado do Câmpus Universitário, que acolheu as atividades propostas disponibilizando o local para a realização do projeto.

Aliada à concessão de uso do espaço, auxiliou na divulgação das oficinas para rede de educação municipal (infantil, fundamental I e II) e vinculou a participação da turma de percussão do CEU Pimentas, às aulas semanais ministradas pelo Prof. Everton, a qual constituiu um público especializado e interessado nas oficinas.

Conjuntamente, realizamos visitas às escolas do bairro com o objetivo de divulgar e convidar a comunidade escolar. Fizemos reuniões com as direções e coordenações da E. E. Profº. Lindamil Barbosa de Oliveira, E. E. Parque Jurema III, E. E. Pedro Morceli e E. E. Maria Aparecida Feliz Porto.

No intuito de qualificar e ampliar a divulgação, elaboramos a arte gráfica para material digital e impresso com os detalhes das oficinas e orientações sobre as inscrições para participação (Anexo II) - material este difundido nas redes sociais, câmpus universitário e CEU Pimentas - e material informativo sobre a realização do cortejo com a Fanfarra da E. E. Bartholomeu de Carlos. Para a realização do cortejo nas ruas do bairro, fizemos a divulgação por meio de panfletos entregues nas casas localizadas no percurso a ser seguido pela fanfarra, nas proximidades do Campus Universitário e CEU Pimentas. Providenciamos o contato formal, via ofício, com a Secretaria de Transportes de Guarulhos para controle do tráfego de carros e a liberação das vias do cortejo, com auxílio de escolta de agentes de trânsito para segurança das crianças e grupos envolvidos.

O público das oficinas foi composto por alunos das atividades oferecidas pelo CEU e frequentadores do espaço, alunos matriculados e ouvintes da disciplina Licenciatura e Extensão de Ensino e Currículo de História da África, ministrada pela Professora Doutora Patrícia Teixeira Santos e oferecida pelo Departamento de História da UNIFESP; professores e professoras da rede pública das escolas no perímetro do bairro; alunos da Unifesp e comunidade em geral.

As inscrições para participação foram feitas via e-mail ou pessoalmente na primeira oficina. Os participantes com frequência mínima de 85% receberam certificados.

Foram recebidas 34 inscrições para participação, sendo: 24 alunos da disciplina de formação de professores, oferecida pela Unifesp, considerando que haviam alunos pertencentes à comunidade do bairro. Desses, 05 eram professores e 01 assistente de gestão escolar. Os demais eram: 02 professores somente da rede pública e 08 participantes pertencentes à comunidade da região.

Do total de inscritos, 13 não participaram, sendo 12 alunos da disciplina e 01 da comunidade; 13 participaram parcialmente, sendo 06 alunos da disciplina² e 05 da comunidade; e 8 participaram integralmente. É importante considerar o fato que, durante todo o período de realização das oficinas, o Câmpus Guarulhos da Unifesp encontrava-se em greve, com todas as atividades regulares suspensas.

Esse projeto foi contemplado pelo Edital PROCULTURA 2012, como fomento da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, que viabilizou por meio da remuneração do serviço prestado, a alimentação para os convidados e apoiadores e também a produção de registro audiovisual e fotográfico, executado pela Travessia Filmes Ltda., das oficinas para compilação de média metragem sobre o projeto, visando o intercâmbio de experiências entre a UNIFESP (Brasil), a Universidade de Nova Delhi (Índia) e a Universidade de Cape Town (África do Sul) que integram o projeto "Saberes, Práticas, Ensino e Histórias da África e do Brasil em Perspectiva Sul". Elaborou-se termo de autorização de uso de imagem, que foi requerido a todos os envolvidos do projeto.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesses encontros vivenciais com aspectos das culturas tradicionais vislumbrava transformar o observador e praticante em sujeito de sua história e

2 Considerar os(as) que não participaram quando não compareceram em nenhuma das atividades previstas, participaram parcialmente quando obtiveram frequência inferior a 75% e participaram integralmente quando a frequência foi superior a 75%.

ação, provido de bagagem conceitual e de experiências que pudessem proporcionar a compreensão e pertencimento na dimensão particular das expressões culturais existentes no intercâmbio entre África e Brasil.

Também se levou em consideração a amplidão do contexto histórico regional das populações afrodescendentes do nordeste, especificamente de Pernambuco, e do sudeste, por meio da vivência com grupos de capoeira, grupos percussivos de maracatu, cultos de candomblé e umbanda, entre outras manifestações.

Entendemos que os processos de transmissão de saberes presentes no universo da cultura popular, pautados por uma **lógica diferenciada** (grifo do autor), pressupõem práticas pedagógicas também diferenciadas, baseadas numa outra concepção de tempo e espaço, que priorizam um outro tipo de relação entre o mestre e o aprendiz (ou entre o educador e o educando), que enfatizam formas diferenciadas de sociabilidade, em que as formas simbólicas, a ritualidade e ancestralidade têm papel fundamental, e que assim privilegiam nesse processo pedagógico, outro sistema de valores, que não aquele presente na prática educacional corrente em nossa sociedade. As práticas pedagógicas presentes na cultura popular parecem pressupor o estabelecimento de **novas formas de racionalidade** (idem), que sejam capazes de apreender a lógica diferenciada que lhe é própria e dar-lhe significado. (ABIB, 2005, p. 25-26).

Ao longo de todas as atividades e oficinas, os idealizadores do projeto fizeram registros fotográficos e audiovisuais das experiências e ações desenvolvidas, com o objetivo de criar um arquivo que guardasse tudo aquilo que foi previamente pensado como teoria e método e, posteriormente, colocado em prática.

A importância desse registro está pautada no valor dado à memória de uma história afro-brasileira, na reflexão sobre o resultado da união e diálogo entre prática e teoria e na vontade de mostrar a possibilidade de um ensino que valorize a memória e a história dos nossos ancestrais por intermédio do corpo, da música e da palavra, apoiado em culturas tradicionais que, com certeza, protagonizaram e protagonizam a história brasileira.

Nessa experiência houve o apoio de integrantes de grupos percussivos, também responsáveis pela transmissão desse saber e aprendizado cultural, além dos jovens e professores participantes das oficinas que acabaram se tornando multiplicadores e passaram a integrar as ações do projeto, propiciando assim a continuidade do processo de aprendizagem mútua que ampliou o conhecimento histórico e prático e fortaleceu o reconhecimento da transmissão ancestral por meio do compartilhamento de saberes culturais. A partir dessa junção, criou-se o Coletivo Saramuná, grupo responsável pela execução das atividades que continuam em andamento.

Apresentação e contextualização histórica: primeira oficina

*“Viva Treze de Maio
Negro Livre no Brasil
Mas a bem da verdade
foi o primeiro de abril”*

Na primeira oficina, que tinha como mote a apresentação e contextualização histórica dos temas que seriam tratados no decorrer dos encontros, o coletivo montou uma instalação cultural com livros, CDs, DVDs, discos de vinil, projeções de filmes sobre

cultura popular e educação não-formal, instrumentos musicais, utensílios do cotidiano doméstico, vestuário, tecidos. Tudo foi disposto em uma sala com espaço suficiente para a circulação livre dos participantes por toda a sua dimensão.

Eles puderam interagir com o ambiente e entre si, percebendo que o fio que conduzia todas aquelas coisas a um ponto convergente era - é, na verdade - a influência africana na cultura brasileira. Nesse espaço físico era possível notar a presença dos mitos ancestrais, o caráter religioso como plano de fundo das manifestações culturais, a importância da tradição oral e da convivência e o aspecto de resistência que a cultura afro-brasileira imprimiu em sua história ao longo dos anos.

Havia ainda uma instalação com carteiras escolares enfileiradas, que expunha a hierarquia estabelecida no ambiente escolar a partir da colocação do professor em um patamar superior ao dos alunos, além de unidirecionar o olhar dos discentes e condicionar seus corpos à cadeira. No lugar da figura do docente, exibiu-se um vídeo em que Viviane Mosé versa sobre as características da educação formal demonstrando como

As escolas não têm espaços amplos, elas não têm arejamento entre os processos. Então nós perdemos as noções de conjunto, de unidade, de participação e de relacionamento, isso fez com que, além da passividade e da repetição, a nossa escola se tornasse um espaço isolado. (MOSE, 2009).

Após o reconhecimento do espaço, realizou-se uma apresentação *teatralizada* do Maracatu de Baque Virado, que contou com a presença do bailarino e arte-educador Aurélio Prates, vestido de *baiana rica*. A dança, as loas e o toque dos tambores prenderam a atenção das pessoas, que até o momento se dispersavam no espaço em busca do entendimento de tudo quanto estava exposto. Aos poucos, a “esquete teatral” fez com que os presentes se concentrassem em roda, permitindo uma forma contínua por meio da qual todos os participantes podiam se entreolhar e se perceber.

. Depois disso e de que todos e todas dissessem seus nomes, houve uma longa conversa sobre o Maracatu de Baque Virado e outras tradições afro-brasileiras. Também, abordou-se o caráter vivo da cultura, que permite que ela se transmute, dialogue com outras influências e evolua para novas formas.

Ao final, uma dinâmica propôs que cada pessoa se reapresentasse a partir de algum movimento corporal e/ou rítmico e chamasse pelo nome outro colega, propondo a integração entre os membros do encontro. Também era necessário representar algo que marcou a sua memória durante o instante que permaneceu naquele espaço. Foram então construídos os primeiros laços vivenciais e traçada a trilha que seria percorrida durante os próximos cinco encontros.

Como atividade de encerramento, Mãe Clarice Ti Oyá contou os mitos das divindades africanas com auxílio de fantoches que representavam os Orixás do Candomblé. O teatro de bonecos (feitos pela própria Mãe Clarice a partir de materiais recicláveis), teve por objetivo reforçar os traços de herança ancestral e a força da oralidade presente nas comunidades tradicionais de matriz africana, contribuindo para, de forma lúdica, desdemonizar o Candomblé e a Umbanda.

Percepção rítmica. Tudo é ritmo!: segunda oficina
“O meu coração entoou,
quando ouvi o primeiro tambor,
entreguei a Recife minha emoção,
a Pernambuco, meu amor”

A musicalidade e a percepção rítmica foram o mote deste segundo encontro. A convite, quatro parceiros e apoiadores integraram-se ao Coletivo Saramuná para ajudar na composição e desenvolvimento da parte musical e instrumental da atividade. Antes do início da oficina, fez-se uma pequena apresentação percussiva do Maracatu de Baque Virado. Gonguê, mineiro (ganzá), alfaias, caixas e agbês, ainda de certa forma desconhecidos por alguns participantes, ecoaram na mão dos batuqueiros pela primeira vez nas oficinas.

Fez-se novamente uma apresentação entre os participantes,icineiros e apoiadores, reforçando-se a importância de cada um de saber o nome do outro, de prestar atenção no que se diz e nos movimentos corporais e, ainda, estabelecendo-se e estreitando-se os elos criados a partir da relação em que se considera que todos têm conhecimento para compartilhar.

Os presentes ficaram descalços, para sentir o chão e em roda, para se entreolharem. Aquecimentos físicos despertaram os corpos e cantos de loas proporcionaram a percepção da palavra como comunicadora de uma história, de simbologias e valores culturais.

Os instrumentos e suas funções foram apresentados, mas antes de serem entregues para a prática musical, os sons originaram-se nos corpos dos participantes, com a percussão corporal. O indivíduo, nessa dinâmica, percebe a si e ao outro, sentindo-se instrumento dono de seu som, capaz de compartilhar a experiência de unir sonoridades tendo como objeto soante a sua estrutura corporal. Os sons foram introduzidos gradativamente, de forma que ficasse clara a função de cada instrumento na formação do todo percussivo do maracatu.

A percussão corporal - aliada ao caminhar e ao cantar em roda - foi ainda utilizada para demonstrar noções de tempo, compasso e métrica. Assim, cada um dos participantes prestou atenção no outro para não sair do ritmo e todos puderam então observar que um som completa o outro no tempo ou no contratempo.

Inseridos nesse contexto rítmico, os indivíduos se perceberam mutuamente e realizaram novos movimentos corporais, muitas vezes não abordados como metodologia de ensino e aprendizagem com potencial cognitivo dentro do âmbito da educação formal ocidental.

Após a utilização do corpo como caixa de ressonância percussiva, os instrumentos entraram em cena. Cada pessoa pode conviver e tocar um pouco de cada um deles, ao ar livre. Um ajudando o outro, no compartilhamento de entendimentos e experiências. A percepção rítmica começou a nascer, bem como a ideia de que o Maracatu pode ser utilizado como ferramenta de integração social.

Nação, interação comunitária e musicalidade: terceira oficina

“Eu seguro sua mão na minha, para que juntos possamos fazer aquilo que não posso fazer sozinho”

A fim de continuar a costurar as relações criadas até o momento, desenvolveu-se uma dinâmica denominada pelo grupo como “roda do abraço” para que os trabalhos daquele terceiro encontro comesçassem. Um lugar onde todo mundo dependia do outro pra não cair e para manter a roda viva - em que a expansão da roda, com todos

abraçados, permitia provir e gerar equilíbrio ao todo - integrados de forma que várias pessoas se condensassem em uma só figura.

Após mais uma dinâmica de integração coletiva, com a participação dos apoiadores, realizou-se uma atividade com diversas fotos de nações africanas, nações de maracatu e grupos percussivos, dentro de tempos e espaços diversos, visando à identificação das diferenças e semelhanças entre esses grupos. As imagens foram dispostas pelo chão, juntamente com frases que dialogavam com as fotografias: pedaços de loas, de músicas populares e trechos de bibliografias sobre música, afro-brasilidade, história do Brasil, entre outros.

Cada pessoa escolhia imagens e frases que, no entendimento delas, dialogavam de alguma maneira. Por meio de análises iconográficas coletivas, conversou-se sobre um tema histórico importante de forma leve e divertida, favorecendo o diálogo e a discussão.

A integração entre os participantes aumentou no decorrer das oficinas e com isso um fator importante pode ser observado: a maior presença de crianças, que proporcionou uma troca interessante de saberes, rompendo-se com a hierarquia presente nos moldes da educação formal. Os pequenos, muitos deles com alguma experiência em percussão, além de receberem conhecimento dos mais velhos, passaram seu conhecimento a professores e a outras crianças.

Após as partes teóricas e de discussão, iniciaram-se as aulas práticas, que culminaram em uma apresentação em frente ao CEU Pimentas, com participantes,icineiros(as) e apoiadores(as), tocando juntos para receber a fanfarra da Escola Estadual Bartholomeu de Carlos, que fez um cortejo pela comunidade, possibilitando a interação cultural entre as práticas e ritmos. A atividade teve como objetivo principal a integração entre os moradores e os espaços do bairro, entre os quais estão a universidade, as escolas, as ruas. Tudo pertence a um mesmo loco social, que precisa exercitar as noções comunitárias, de conjunto e de pertencimento. A música, que tem um papel sensibilizador incontestado, tem também o poder de unir as pessoas e de agregar ritmos e fazeres. E foi ela, aliada à afro brasilidade, que conduziu a terceira oficina e estreitou ainda mais os vínculos.

Sabedoria popular e a transmissão pela oralidade: relações entre a cultura popular e o folclore: quarta oficina

A quarta oficina iniciou-se a partir da audição das loas ou toadas de várias nações de maracatu. Após ouvidas, aconteceu uma análise de diferenças entre os toques ou baques de cada uma delas e uma discussão sobre o perpassamento da cultura por meio das letras que demonstram a força da história oral. Abordou-se o pensar etnocêntrico que favorece a escrita em detrimento da fala, sob a alegação de que a palavra vale mais quando está no papel.

Para questionar essa lógica, leu-se o texto “Totonha”, de Marcelino Freire ([FREIRE, 2011, p. 77](#)), no qual a personagem, irredutível em querer não saber ler, demonstra-se muito sábia no decorrer do conto, dotada da sabedoria da vivência. O que conta é, sobretudo, o aprendizado a partir da observação do mundo a sua volta. Totonha, assim, é conhecedora dos segredos da vida.

Depois da leitura do texto, os participantes compartilharam histórias de suas vidas, coisas que eles aprenderam e vivenciaram segundo uma tradição familiar, para entender que a linha que costura a tradição alinhava também as culturas populares, pois estas surgem no convívio, nas relações sociais, nos conflitos e na resistência.

Na mesma oficina abordou-se ainda a folclorização e a formação de estereótipos, a espetacularização da cultura popular, tal qual acontece com o maracatu de baque virado no carnaval de Pernambuco e com outros ritmos, como o frevo (também pernambucano), o samba carioca, entre tantos mais.

Para abranger o leque de saberes sobre cultura popular, formaram-se rodas de coco e de jongo e com a dança e o canto promoveu-se o reconhecimento destas expressões populares presentes em várias regiões do Brasil. Também foram exibidos dois filmes: um, sobre o jongo ([MATOS, 2005](#)) e outro sobre maracatu de baque virado ([MAAKAROUN, 2005](#)).

No encerramento do quarto encontro, salientou-se que os signos são as imagens que favorecem a identidade e que por meio deles também é possível perpetuar a história. Pensando em tudo o que fora construído em conjunto, aprovou-se a criação e montagem de um estandarte com os panos de chita que estiveram presentes na decoração de todas as oficinas. Também, decidiu-se que, para o quinto e último encontro, as pessoas trariam algum objeto que fosse importante para elas, visando à composição de um símbolo coletivo.

O Estandarte e a Identidade Coletiva: a noção do outro: quinta oficina

A última oficina iniciou-se com uma roda de boas vindas. Depois, na dinâmica de “transformação do objeto invisível”, que consistia na criação de um objeto coletivo a partir da imaginação e contribuição individuais, mostrou-se que é possível transformar a realidade de todos tendo como base experiências próprias, uma vez que cada pessoa deu um pouco de si para que se construísse um todo.

Ainda dentro da lógica de formação identitária, fez-se a dinâmica da “trouxinha do axé coletivo”. Parte do pano que seria utilizado na construção do estandarte foi repartido em pequenos pedaços, um para cada participante. Dentro da chita cortada, as pessoas depositaram um objeto considerado importante para elas. O tecido e o objeto formaram uma ‘trouxinha’, amarrada por um cordão que deveria ser pendurado no pescoço. Representando o “axé”, ao final da oficina ele foi trocado entre os presentes. A ‘trouxinha’ simbolizava o indivíduo modificado pela experiência coletiva.

. Para finalização do processo, construiu-se um estandarte que simbolizou toda a vivência das oficinas. Uma espécie de bandeira identitária, em cuja confecção, contou com a participação de todos. E, como encerramento, houve primeiramente um almoço comunitário e, depois, uma apresentação de maracatu, fechando o ciclo de oficinas do Coletivo Saramuná.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da aproximação do universo da cultura popular, temos percebido que nela predominam outras temporalidades, outras formas de conceber o divino, outras formas de transmissão de saberes, outras formas de se relacionar com a natureza, enfim, outras racionalidades. Temos a sensação de que algo nos escapa. A tarefa acadêmica de compreender e dar significado a esse universo carece então, ainda, de um instrumental teórico-metodológico que seja mais aberto à captação dessa realidade. Os parâmetros teóricos, construídos pela academia, parecem não dar conta de interpretar esse complexo conjunto de significados presentes na cultura popular, em sua totalidade. ([ABIB, 2005, p. 27](#)).

De acordo com o que aqui se apresentou, o estudo dessas culturas afro-brasileiras, enquanto forma de resistência e de permanência sociocultural, possibilita o embasamento teórico e a eminência de discursos epistemológicos em relação ao protagonismo do negro na formação da sociedade brasileira.

De acordo com essa perspectiva, considerar as abordagens educacionais e pedagógicas da educação brasileira e a formação estrutural do currículo nacional de ensino ao longo dos anos, remete-nos à reflexão e análise da dimensão do ensino de história das culturas afro-brasileiras presentes nas bases curriculares, assim como à importância na elaboração de conteúdos científicos capazes de embasar uma ótica de ensino e aprendizagem em que o corpo, a música e a memória estejam configurados como referência documental dessa cultura.

Ao colocarmos em prática essa pedagogia, possibilitamos e estabelecemos novas formas possíveis de racionalidade, para que assim possamos compreender, interpretar e nos aproximar da lógica da cultura popular.

SUBMETIDO EM 6 set. 2013
ACEITO EM 5 nov. 2014

Referências

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas: UNICAMP, CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.

AFONSO, A. J. Os lugares da educação. In: SIMSON, Olga von; PARK, Margareth; SIEIRO, Renata (Org.). **Educação não formal**: cenários da criação. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

ANDRADE, M. de. **Danças dramáticas do Brasil**. Apresentação Oneyda Alvarenga. São Paulo: Martins, 1959.

BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). **História geral da África**. São Paulo: Ática: Unesco, 1982.

BÂ, A. H. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BARBIERI, R.; LEONARDI, V. **Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás**. Brasil, 1998. Documentário. Color, 54 min.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2012.

CHATTERJEE, P. **Colonialismo, modernidade e política**: histórias ao sul. Salvador: Edufba, CEAO, 2004.

CÔRTEZ, G. P. **Dança, Brasil!**: festas e danças populares. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2000.

FONSECA JÚNIOR, E. **Zumbi dos Palmares: a história do Brasil que não foi contada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Yorubana do Brasil, 2002.

[FREIRE, M.](#) **Contos Negreiros**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOHN, M. da G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Revista Investigar em Educação**, Porto, série 2, n. 1, p. 35-50, 2014.

GUERRA-PEIXE, C. **Maracatus do Recife**. Recife: Co-edição Irmãos Vitale, 1981.

HEYWOOD, L. (Org.). **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

LEEUWENBERG, F.; ROEBERS, T. **Documentário: FOLI** (there is no movement without rhythm). Guiné, 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IVPLluBy9CY>>. Acesso em: 26 maio 2012.

LOPES, N. **As línguas bantas e o português no Brasil. Novo dicionário Banto do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revista Ampliada, 2012.

[MAAKAROUN, E.](#) **Maracatu Ritmos Sagrados**. Brasil, 2005. Documentário. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wp3MgPmNmB0feature=related->>. Acesso em: 26 maio 2012.

[MATOS, H.](#) **Memórias do Cativo**. Brasil, 2005. Documentário. Disponível em: <<http://ufftube.uff.br/video/M2GWDYGDYU7/Mem%C3%B3rias-do-Cativo>>. Acesso em: 26 maio 2012.

MATTOS, H.; RIOS, A. L. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania na pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

[PARES, L. N.](#) **A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. 2. ed. rev. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

[PRANDI, R.](#) De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, São Paulo, n. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/46/04-reginaldo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

PRANDI, R. O Candomblé e o tempo. Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.

REIS, J. J. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, M. D. O significado da cor na estampa do tecido popular: a chita como estudo de caso. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 2010. **Anais...** p. 5. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de->

Moda_2010/68848_O_significado_da_cor_na_estampa_do_tecido_popular_-_a_.pdf>.
Acesso em: 19 jun. 2013.

SANTOS, P. T. Saberes, práticas, ensino e histórias da África e do Brasil, em perspectiva sul. **Cadernos PNEB**, v. 1, p. 95-109, 2012.

TINHORÃO, J. R. **Os sons que vem da rua**. São Paulo: Editora 34, 2005.

TV CULTURA. Programa Café Filosófico. **Desafios contemporâneos: a educação, com Viviane Mosé**. Brasil, 2009. Disponível em:
<<http://www.cpfcultura.com.br/2010/07/21/cafe-filosofico-cpfl-a-educacao-viviane-mose/>>.
Acesso em: 28 abr. 2012.

ANEXOS

Material de referência para os participantes do ciclo de oficinas

Bibliografia

- **AMORIM**, Maria Alice Amorim & **BENJAMIN**, Roberto. *Carnaval Cortejos e Improvisos*. Volume 05
- **ANDRADE**, Mário. *Acervo de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade 1935-1938*
- **ARAÚJO**, Alceu Maynard. *Folclore Nacional. Danças, Recreação e Música*. Volume 2
- **ASSUMPÇÃO**, Raiane (Org.). *Educação Popular na Perspectiva Freiriana*
- **ATAÍDE**, José. *Olinda, Carnaval e Povo*, 1982
- **CARVALHO**, José Murilo de (Organizador). *Nação e Cidadania no Império*, 2007
- **CÔRTEZ**, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e Danças Populares*
- **EHRENFRIED**, L. *Da Educação do Corpo ao Equilíbrio do Espírito*.
- **FERNANDES**, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*.
- **FIABANI**, Adelmir. *Mato, palhoça e pilão. O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]*
- **FONSECA JÚNIOR**, Eduardo. *Zumbi dos Palmares. A história do Brasil que não foi contada*
- **IKEDA, ALBERTO** (Curadoria). *Brasil. Sons e Instrumentos Populares*
- **IPHAN**, *Samba de roda do Recôncavo Baiano*
- **IPHAN**, *Jongo do Sudeste*
- **LIMA**, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias*. Recife 1930 – 1945
- **LIMA**, Ivaldo Marciano de França & Guillen, Isabel Cristina Martins. *Cultura Afro-descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós*.
- **OLIVEIRA**, Valdemar de. *Frevo, Capoeira e Passo*
- **MATTOS**, Hebe & **RIOS**, Ana Lugão. *Memórias do Cativo. Família, Trabalho e Cidadania na Pós-Abolição*
- **MELO NETO**, João Cabral de. *Morte e Vida Severina (Auto de Natal Pernambucano) e Outros Poemas em Voz Alta*
- **MUKUNA**, Kazadi wa. *Contribuição Bantu na Música Brasileira: perspectivas etnomusicológicas*
- **PEIXE**, Guerra. *Maracatus de Recife*
- **ROCHA**, Cristiany Miranda. *Histórias de Famílias Escravas*
- **SANTOS**, Juana Elbein dos. *Os Nago e a Morte*
- **SOUZA**, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: História de coroação de Rei Congo*
- **SUASSUNA**, Ariano. *Auto da Compadecida*
- **TELES**, José. *Do Frevo ao Manguebeat*. Recife. 34, 2000
- **TINHORÃO**, José Ramos. *Os Sons que vem da Rua São Paulo*. 34, 2005
- **TINHORÃO**, José Ramos. *Pequena História da Música Popular*, 1974

Discografia

- **Afoxé Oxum Pandá** - Não há silêncio. 1999.
- **Afoxé Oxum Pandá** - Brilho do Sol... 2ª edição. 2009.

- **Cila do Coco** - Cila do Coco e seus pupilos.
- **Coco de Amaro Branco**. 2006.
- **Deixa a Gira girar!** As gravações pioneiras da música de terreiro. Vol 01 1900-1940.
- **Djubafedea. Fanta** Konate & Petit Mamady Keita.
- **Jongo da Serrinha** - CD livro "Jongo da Serrinha". 2002.
- **Jongo Quilombo de São José** - CD livro "Jongo do Quilombo de São José". 2004.
- **Lia de Itamaracá** - Eu sou Lia. 2001.
- **Luiz Paixão** – Pimenta Com Pitú
- **Mário de Andrade**. Missão de pesquisas Folclóricas. Música Tradicional do Norte e Nordeste.
- **Mestre Salustiano** - Mestre Salú e a rabeça Encantada.
- **Maciel Salu** e o terno do Terreiro. 2006.
- **Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu** - 180 anos. 1998.
- **Maracatu Estrela Brilhante de Recife**. 2002.
- **Maracatu Leão Misterioso**. Mestre João Paulo. (MARACATU RURAL)
- **Maracatu Porto Rico** - No baque das ondas. 2003.
- **Paulo César Pinheiro** - Capoeira de Besouro
- **Quinteto Armorial** – Aralume. 1976.
- **Quinteto Armorial** - Do Romance ao Galope Nordestino. 1974.
- **Samba de Coco Raízes de Arcoverde** -Coco Raízes de Arcoverde.
- **Samba de Coco Raízes de Arcoverde**. A caravana não morreu.
- **Selma do Coco** - Minha História. 1998
- **Tambor de Crioula do Mestre Felipe**. 1996.
- **Vários Artistas**. Frevo do Mundo, 2008.
- **Vários Artistas**, 100 anos do Frevo é de perder o sapato...
- **Vários Artistas**. O tema é Frevo: Pesquisa. Vol. 06
- **Vários Artistas**. O tema é Frevo: Pesquisa. Vol. 08
- **Vários Artistas**. O tema é Frevo: Documento. Vol. 03

Fontes Complementares:

- Caderno de Educação Ilê Aiyé. Civilização Bantu. Vol. 02.
- Caderno de Educação Ilê Aiyé. A força das raízes. Vol. 04.
- Caderno de Educação Ilê Aiyé. Minas Gerais Símbolo de Resistência. Vol. 19.
- Caderno de Educação Ilê Aiyé. Zumbi 300 anos. Vol. 03.
- Caderno de Educação Ilê Aiyé. Malês. A Revolução 1835. Vol. 10.
- Caderno de Educação Ilê Aiyé. África Ventre Fértil do Mundo. Vol.09.
- Caderno de Educação Ilê Aiyé. Mãe Hilda Jitolu. Guardiã da Fé e da Tradição Africana. Vol. 12.
- CONE – Coordenadoria dos Assuntos da População Negra A Universidade e a formação para o Ensino de História e Cultura Africana e Indígena..
- Revista de História da Biblioteca Nacional. Escravidão, Casos surpreendentes ontem e hoje. Março 2010.
- Revista de História da Biblioteca Nacional. Africanos, Muito além da escravidão. Março 2012.
- Revista História Viva. O Olhar dos Viajantes 2. O Brasil e sua Gente, o papel das narrativas de viagem na construção da nossa imagem e identidade. Nº 02. (www.historiaviva.com.br)
- Festas Populares. Uma celebração de sons e movimentos. Coleção Folha Fotos Antigas do Brasil. 2012.

- O Povo Brasileiro. Retrato de todos nós. Coleção Folha Fotos Antigas do Brasil. 2012.

Videografia

- A Cambinda do Cumbe. Diretor: **Luca Barreto**. 2007
- Atlântico Negro. Na rota dos orixás. **Pierre Verger**.
- Danças Brasileiras. Volume 02. . **Instituto Brincante**.
- Danças Brasileiras. Volume 01. **Instituto Brincante**.
- Leão de Ouro Manobras e Evoluções. Diretor: **Luca Barreto**.
- Maracatu Nação. Leão Coroado. Porto Rico. Encanto da Alegria. **Batuque Book**.
- Maracatu - Visões de Dentro
<http://www.youtube.com/watch?v=jx0SeXhT2jk>
- Mestre Bimba. A Capoeira Iluminada. Diretor: **Luiz Fernando Goullart**.
(<http://www.mestrebimbaofilme.com.br/>)
- Missão de Pesquisas Folclóricas. Cadernetas de Campo. **Centro Cultural São Paulo**
- Documentário PAULO FREIRE. Coleção Grandes Educadores. De **Moacir Gadotti**. 2006

WEBGRAFIA

INVENTÁRIO SONORO. Disponível em:

<http://inventariomaracatus.blogspot.com.br/2010/12/tradicao-nos-maracatus-nacao.html> -

FUNDAÇÃO PIERRE VERGER. Disponível em :

http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_wrapper&Itemid=176

BATUQUE BRASILEIRO. Disponível em: <http://batuquebrasileiro.blogspot.com.br>

MÚSICA DE PERNAMBUCO: Disponível em: <http://www.musicadepernambuco.pe.gov.br>

MARACATU. ORG. Disponível em: <http://maracatu.org.br/>

SOUZA, Marina de Mello e. Reis do Congo no Brasil, séculos XVII e XIX. In. Dossiê História Atlântica: Recortes e Perspectivas. São Paulo. Revista de História da USP, 2005.

Disponível em:: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83092005000100004&script=sci_arttext#nt

Material de divulgação

**OFICINAS DE TRADIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS:
ORALIDADE E O MARACATU DE BAQUE VIRADO**



Contextualização histórica sobre cultura popular afro-brasileira, com ênfase no maracatu de baque virado e na tradição oral; Vivências percussivas, musicais e corporais; Interação comunitária e musicalidade; Percepção rítmica; Relações entre cultura popular e folclore

DATAS: **Sábados**
28 de abril;
12 e 26 de maio;
02 e 16 de junho*

Das 10h às 13h, na Unifesp - Campus Guarulhos e CEU Pimentas
(Estrada do Caminho Velho, 333 ,
Bairro dos Pimentas - Guarulhos - SP)

*Serão oferecidos certificados aos participantes que obtiverem 85% de frequência nas oficinas

PÚBLICO ALVO: Professoras e professores da rede pública de ensino e comunidade local

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: **de 03 a 20 de abril, pelo e-mail:**
tradicoes.afrobrasileiras@gmail.com

Realização:  Apoio:  